

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE CAMPINA GRANDE(1950/1960): AS FONTES DOCUMENTAIS.

Kledna Sonalle B. de Sousa.

UFCG.

klednasonalle@hotmail.com.

O objetivo desse trabalho é problematizar as fontes documentais, enquanto representação da cidade de Campina nas décadas de 1950 e 1960. As fontes documentais aqui apresentadas são os semanários municipais e alguns jornais da época. A construção de Campina Grande nas páginas desses periódicos nos possibilitou problematizar as concepções de cidade via discursos modernizante, as ambivalências contidas nessas fontes, bem como outros problemas de cunho histórico e cultural, que fomentaram os ideais de cidade moderna para Campina.

A leitura metodológica dessas fontes baseou-se na leitura de Le Goff(2003), sobre documento e monumento, onde o autor assim explicita sua noção de fonte histórica. Dessa forma, compreendemos as fontes documentais como documentos monumentos, evocando recordação do passado e enquanto artefato do passado que ensina a pensar a história.

Também nos foi útil a leitura de dois livros de caráter metodológico, Fontes Históricas e o Historiador e suas Fontes, esses livros nos inspiraram a trabalhar com as fontes de caráter oficial. Desconstruindo para a nós algumas visões preconcebidas sobre elas, e a nossa concepção sobre a modernidade em Campina Grande na referida temporalidade.

Procuramos assim, submeter às fontes a crítica documental, procurando analisar o contexto no qual elas foram escritas, que memória histórica elas tendem a preservar, a dinâmica administrativa que cercava os semanários oficiais, as manobras efetuadas nos jornais para manter as idéias de cidade moderna e educada para Campina Grande interesse pelas as décadas de 50 e 60 se deu por ser nesse período que a cidade vivencia e discursa fortemente os discursos a cerca da modernidade.

Os momentos que antecedem o primeiro Centenário da cidade, e bastante

movimentado principalmente no campo educacional e político. Já não é enfatizado o potencial econômico ligada a uma produção agrária, mas sim os melhoramentos urbanos, a situação escolar da cidade e a importância de se construir hospitais.

O trabalho com fontes documentais da referida época nos trouxe alguns percalços, pois o jornal Diário da Borborema estava fechado para a pesquisa, dessa forma nos atemos a alguns exemplares encontrados na Faculdade de Comunicação Social, da Universidade Estadual da Paraíba e a Semanários Municipais encontrados na Biblioteca Átila de Almeida, da mesma universidade.

O interesse por essas fonte nasceu de um objetivo maior de escrever uma dissertação de mestrado, que pretendemos aprofundar algumas questões posta aqui,esses arquivos ganharam uma grande importância para nós, pois as fontes sobre a década de 60, principalmente são escassas, e concordamos com Carlos Bacelar quando ele afirma “A maior ou menor importância de cada arquivo só pode ser estabelecida de acordo com o objeto da pesquisa específica a ser realizada pelo o historiador, seus interesses e questionamentos.”(BACELLAR,2010,p.25)

O trabalho com essas fontes documentais no possibilitou trabalhar com a imprensa, procurando confrontar com livros publicados pela a família de cronistas que escreviam na época em jornais, como é o caso de José Lopes de Andrade.Bem como outras obras, de caráter mais literário como é o caso de Stênio Lopes.Por vezes a imprensa se encontra como o mundo das letras, pelo o lugar social de quem escreve em jornais.

Procuramos trabalha com fontes de caráter oficial, nos possibilitou um mergulho nas concepções políticas da época, pois os semanários municipais do prefeito Severino Cabral, foram um dos mais fecundos. No semanário oficial de 1961 encontramos um requerimento do vereador Fernando Silveira ao diretor de saúde pública do município, no sentido de desencadear naquele departamento medidas para combater as muriçocas que atormentavam os habitantes da Rua da Conceição e adjacências, pois os insetos eram provenientes de charcos ali existentes.

Campina Grande na década de 1950 passava por um período de crescimento econômico e populacional intenso, o que na visão das elites era algo “incontrolável”¹.

¹ D.B – 01.01.1959;p.2

Por outro lado esses mesmo discursos, afirma Souza (2002), não seria problema se algumas carências fossem sanadas tais como:

“O que mais fazia falta cabia numa lista breve: água, pavimentação, instituto de educação, Escola Normal (pública) para moças, grupos escolares, ampliação e melhoria da saúde, ajuda para a agricultura, mais hospitais e obras sociais.² (apud SOUZA, 2002, p.33).

Se essas coisas faziam falta, no sentido de que representavam formas e lugares de disciplinar a população, outras já existiam como um comércio desenvolvido, nos bairros do São José, Prata, José Pinheiro e outros, linhas de ônibus ligando bairro ao centro, imobiliária PREDIAL NOVA YORK, atuando no bairro considerado o mais progressista da cidade, o Alto Branco.

Campina Grande nas décadas de 50 e 60, sofria modificações em seu espaço urbano, respirava ares de modernidade e novas áreas de divertimento, como praças, parques de diversões, lojas e cinemas, animavam e impunham uma nova lógica na vida cultural campinense. Os jornais noticiavam: “Aqui e ali observa-se um novo melhoramento público, dando a cidade alentos de progresso” (O Momento 24/09/1950). No mais, os alentos de progresso não atingia a todos os habitantes da cidade.

No semanário oficial de 11 de julho de 1964, encontramos outra representação de cidade, numa nota escrita por Stênio Lopes, intitulada Calamidade e Socorro. Onde o autor relata a situação de famílias de flagelados que devido a um inverno anormal tiveram suas casebres e choupanas derrubadas, e faz um apelo as autoridades para que intercedam junto ao governo federal em favor desses desabrigados. Essa crônica de Stenio Lopes foi transcrita da coluna Rosa do Ventos do Diário da Borborema de 9 de julho corrente ano.

A crônica de Stênio Lopes nos chamou a atenção para atentar para o que Chartier diz sobre “as representações do mundo sociais assim construídas [...] pelos

² D.B – 14.03.1959; p.7 – Coluna: “Instantâneos da Cidade”, de Epitácio Soares. As citações do Diário da Borborema foram retiradas da Tese de Antonio Clarindo de Souza.

interesses que os forjam.” (CHARTIER, 1990, p.17). No final da mesma edição do semanário oficial, há um pagina onde se encontra uma propaganda de uma companhia telefônica ao fundo a imagem de uma cidade com muitos prédios, dando a idéia de progresso, nas laterais dos aparelhos telefônicos com o seguinte slogan “Ligue o progresso a cidade Centenária”.

Abaixo da imagem descrita havia um conclame aos cidadãos campinenses.

“Agora você como cidadão útil, tem a oportunidade de prestar uma valorosa contribuição ao desenvolvimento da sua cidade. Dinâmica e progressista como é você, com toda a certeza. ATENDERA imediatamente esta vigorosa CHAMADA do progresso adquirindo seu telefone do NOVO SERVIÇO. [...]Ligue seu nome ao progresso de Campina Grande adquirindo logo o seu novo telefone”.

A propaganda toma a pagina inteira do semanário do ano de 1964, ano do primeiro centenário de Campina e onde o que mais era comemorado era o progresso de Campina. No texto da propaganda o campinense é convocado a incorpora os valores e ideais da modernidade, ele mesmo deve ter as qualidades referidas à cidade. Adquirir um equipamento moderno, que modificava as relações humanas como o telefone, um serviço totalmente novo e inovador.

Assim sendo, havia outras cidades representadas no mesmo semanário oficial, a idéia de progresso e modernidade das elites campinenses, conviviam com a crônica em favor dos desabrigados, e na pagina seguinte com os índices de mortalidade infantil, que aparecia na pagina com o seguinte titulo “Mortalidade infantil àssombra Campina”.

Dessa forma varias representações de cidade estão presentes nesse semanário. Convivem imagens e ritos por vezes contraditórios, mas funcionam em uma unidade polivalente, formando assim uma construção discursiva acerca de Campina Grande. Os primeiros projetos para a implantação de um instituto de Higiene Mental estão contidos no semanário de 1958

O semanário municipal de 24 de outubro de 1959, discutimos a presença do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, que visava a implantação de uma agência e ambulatório nessa cidade, que recusou o terreno cedido pelo o então prefeito Elpídio de Almeida. O prefeito ainda sim insistiu em sua presença na cidade a

fim de beneficiar os segurados que continuam “privados de qualquer assistência médica e hospitalar”, e que contribuem anualmente com cerca de 22 milhões para o referido instituto.

As condições de assistência médica e hospitalar na cidade não eram assim tão boas, tanto que no mesmo número do semanário estão presentes discursos do então prefeito Elpidio de Almeida, relatando a importância do Dispensário de Tuberculose localizado no bairro de José Pinheiro. A localização da Liga também foi discutida, inicialmente funcionaria na Avenida Canal em um prédio recém- construído, pois era do interesse dos poderes executivos que a Liga Campinense fosse localizada no bairro mais populoso e mais necessitado da época.

Também se encontravam no município entidades para-hospitais que eram ambulatórios e asilos, e alguns institutos de Previdência que as mantinham, como IAPI, IAPETC, I APB, IAPFESP e o SESI (Serviço Social da Indústria)³, a única entidade particular, sendo que as demais eram autarquias federais que deixavam muito a desejar no atendimento de seus beneficiários.

As obras do Dispensário segundo discursos de Elpídio de Almeida não custaria nada aos cofres públicos, mas percebemos que a “importante obra médico-social” certamente daria status ao prefeito e médico. As obras dirigidas a uma civilização e disciplinamento dos cidadãos campinenses, como hospitais e escolas estavam no auge na referida época.

Segundo dados demográficos de 1960, a cidade contava com 126.274 habitantes nas aglomerações urbanas do município, sendo que destes, 116. 226 residiam na própria cidade de Campina Grande, o restante localizava-se nas zonas urbanas das seis vilas do município, enquanto que 91. 219 residiam na zona rural. Isto significa que 58,06% do total da população do município em 1960 residiam na zona urbana, enquanto que 41,94% se acham na zona rural. Acrescenta-se, ainda, uma população flutuante na

³ O SESI mantinha em Campina Grande dois postos destinados a atender os operários da indústria. Em um dos dois postos oferecidos pelo SESI, no qual trabalhavam três médicos do quadro, doze médicos credenciados, um dentista do quadro, três dentistas por convênio, um assistente social, um auxiliar social, uma Enfermeira prática e três atendentes, funcionava um ambulatório de Ginecologia, equipado com colposcópio, termo-regulação, ondas curtas, infra-vermelho e microscópio, um ambulatório de Pediatria e um serviço de rádio-diagnóstico, contando com um aparelho de 120 mA e Abreugrafia (SILVA; VALENTE, 1965, p.10).

cidade que, advinda de outros centros produtores, através do comércio e indústrias ou simplesmente à procura de melhores oportunidades, aumentavam a sua população.

As manchetes de jornais representavam a outra face de Campina, Centro educacional, a Gazeta Campinense, (março/1961) traz uma manchete com letras vermelhas “Campina Grande Centro Universitário”, abaixo o jornal informa o crescente interesse pelos estudos superiores com a implantação de quatro faculdades, no entanto o grande número de candidatos, não significaria um bom preparo pelos mesmos.

As manchetes dos jornais nos possibilitam pensar a dinâmica representação de cidade, no referido jornal Gazeta Campinense, enaltecia a cidade por receber o então presidente Janio Quadros, nas paginas seguintes pedia um vestibular mais rigoroso, de certa forma desqualificando os candidatos campinenses.

Um aspecto interessante de Elpídio de Almeida é sua “resistência” ao ensino superior, ele julgava mais importante a implantação de escolas primárias. Para o então prefeito a alfabetização do povo deveria vir em primeiro lugar, seguida pela preocupação com o ensino superior.

[...] Para Elpídio de Almeida, que foi um dos melhores prefeitos de Campina Grande (eleito duas vezes pelo povo), o ensino primário amplo e generalizado, na cidade e em todo o município, de boa qualidade, servido de boas condições de pessoal docente e de equipamento escolar, devia ser a primeira preocupação da Prefeitura. Ele achava que os recursos de que dispunha o município, nem sequer bastava, para a realização do tipo de ensino fundamental que ele desejava para a população. Aliás, ele lutou e conseguiu do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, dinheiro suficiente para a construção dos excelentes grupos escolares ‘Felix Araújo’ no Catolé, ‘Melo Leitão’ em Santa Rosa e ‘Anísio Teixeira’ na Palmeira. Todos esses estabelecimentos estavam localizados em amplos terrenos de modo a permitir, no futuro, ampliações ou a criação de serviços complementares (LOPES,1989, p.112).

De fato, a criação desses grupos escolares marcou a segunda gestão do médico. Na primeira, um dos ressentimentos que o homem de letras Stênio Lopes poderia ter em relação a Elpídio de Almeida⁴ seria o não funcionamento da Faculdade

⁴ No campo médico, deve ser registrado a construção e pleno funcionamento do Alcides Carneiro, em 1955, que permitiu o desenvolvimento técnico da medicina, atraindo um grande número de especialistas, em caráter permanente ou temporário (Lopes, 1989)

de Ciências Econômicas, criada na gestão de Plínio Lemos. A criação da Faculdade de Ciências Econômicas, juntamente com a Escola Técnica de Comércio, está ligada a um processo educacional e econômico para o desenvolvimento de Campina, no qual o intelectual estava engajado. Nem Stênio, nem Lopes de Andrade abriram mão de trazer o ensino superior para Campina, entrando na disputa para fomentar uma nova representação de cidade. Representação aqui entendida, como a presença de ausência no meio social. Todas as coisas que Campina almejava estavam sendo representadas nos discursos proferidos por políticos e intelectuais em jornais e semanários oficiais.

Percebemos então que, os políticos e intelectuais “empenharam-se” para atender aos pedidos do povo. Desenvolvendo projetos e proferindo discursos que enalteciam o progresso de Campina, encobrando o insuficiente serviço de saneamento básico, eletrificação, escolas e instituições hospitalares.

Na campanha de 1959 no texto da Revolução da Prosperidade do candidato a prefeito Newton Rique, também são enumerados as carências da cidade. A especificidade dessa campanha para nós e justamente que pela primeira vez foi posto um projeto de governo, entremeado a um projeto de cidade. Newton Rique assim enumera as carências de Campina, no seu tópico sobre assistência social.

1. Ampara à velhice desamparada e dos inválidos;
2. Socorro à infância abandonada;
3. Reeducação dos menores desajustados;
4. Eliminação da mendicância;
5. Ajuda a trabalhadores desempregados.⁵

Percebemos nesse pequeno tópico as mazelas sociais que precisavam ser sanadas, e por trás de coisa tão simples, percebemos todo um discursos higienista,

⁵A Revolução da Prosperidade, Programa de Governo de Newton Rique, Campina Grande 1959, Acervo do Museu Histórico de Campina Grande. Esse plano de governo, como o autor coloca, representa uma ruptura no modo de fazer política, sendo a primeira vez que um candidato coloca no papel os planos para a cidade durante o governo, e, segundo Rique, após o estudo minucioso das reais condições da cidade.

limpando das ruas da cidade o menor abandonado, os mendigos, velhos e vagabundos que nada tinham a contribuir para o progresso da urbe. Pois não se enquadrava nos padrões de civilidade que a cidade moderna deveria ter, ser e parecer abrigar em seu seio. Os indivíduos que enfeavam suas ruas deveriam ser extirpados do meio social, retirados das vistas das elites campinenses intelectualizada.

Nemton Rique no seu programa de governo afirmava que iria por em prática um dos lemas da *Revolução da Prosperidade*: “Precisamos fazer a Política dos pobres, não dando esmolas aos pobres, mas fazendo com que os pobres possam viver sem esmolas”. Nunca saberemos se isso seria uma das práticas do candidato caso ele houvesse ganhado o pleito em 1959, mas com certeza é uma crítica ao seu oponente Severino Cabral, que utilizava práticas assistencialistas e valores agrários, mas que ganhou a eleição em 1959.

Durante a campanha o Diário da Borborema assim descrevia o candidato visionário, de ares modernistas.

Assim o senhor Newton Rique planeja, através de uma dinâmica diferente das campanhas anteriores, principalmente pela atenção que dará as solicitações coletivas, desde o útil e necessário telefone até a *Revolução da Prosperidade* pela implantação de grandes indústrias, altera os métodos políticos vigentes e caducos, dando-lhes uma mensagem e um sentido. (Diário da Borborema, 24/02/1959).

Os sujeitos históricos que agem nesse espaço são fomentadores de um ideal de modernidade e civilização. A modernidade está nas ruas, na vida cultural, nas práticas higienistas do momento. Através do confronto de fontes podemos inferir que as representações sobre a cidade são múltiplas e as interpretações e usos infundáveis. Não procuramos explicitar uma verdade para a Rainha da Borborema, mas promover uma discussão sobre as discrepâncias nas representações sobre cidade.

Embora prevalecesse os ideais de modernidade na cidade nas décadas de 50 e 60, conviviam outras realidades historicamente construídas. E essas fontes são produtos do seu contexto, da vontade política e daquilo que os historiadores resolveram problematizar diante de tais fontes.

Essas fontes também representam um espaço de luta e de representações do poder. A leitura de Michel Certeau nos foi útil, possibilitando pensar a cidade como

lugar praticado, estabelecendo a relação entre espaço e representação. “Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2007, p.202).

A Campina que procuramos analisar nesse texto foi um lugar discursivamente construído nas páginas dos jornais e semanários oficiais do poder municipal, que nos trouxe as tensões que rodavam as representações sobre ela, ora ela é vista como moderna e desenvolvida, e, no entanto ainda convivia com práticas de uma sociedade patriarcal de base rural.

A mudança de valores e costumes modificou as sensibilidades em relação à política e o próprio espaço urbano, levando a modificações nas representações nesses espaços de luta e poder que o jornal se constitui para nós. Nas publicações mais próximas do centenário da cidade, ocorre uma valorização do status de cidade moderna e progressista.

Dessa forma este artigo, veio a contribuir para a nossa crítica em relação a cidade que pretendemos narrar, pois muitas vezes o historiador se deixa seduzir pela as imagens e discursos de uma época. Embora tenha que dominar a historiografia de uma época e produzir um trabalho baseado no estranhamento da fonte. Delimitando e refletindo de que forma a fonte condiciona sua escrita, fazendo escolhas e recortes temáticos o historiador institui o seu lugar enquanto saber científico.

Bibliografia

Araújo, Railane Martins de. **O governo de Pedro Gondim e o Teatro do poder na Paraíba: Imprensa, imaginário e representações (1958-65)**. 2009. 139f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2009.

AGRA do Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades - Campina Grande (1959)**. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2006.

ANDRADE, José Lopes de. **Uma Militância na Imprensa**: Estudos de urbanização, Política, Economia, Educação e Literatura. João Pessoa: Bolsa de Mercadorias da Paraíba; Grafset, 1984

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BASSANEZI PINSK, Carla CARDOSO e Tânia Regina (orgs). **O historiador e suas Fontes**. São Paulo. Contexto. 2009.

BASSANEZI PINSK, Carla. (org.). **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo. Contexto, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FILHO, Lino Gomes da Silva. **Síntese Histórica de Campina Grande: 1670-1963**. João Pessoa: Grafset, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, In. **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.

LOPES, José Stênio. **Um grande esforço em Educação**: Município de Campina Grande (1964).

_____, **Campina: luzes e Sombras**. Campina Grande: Grafset, João Pessoa, 1989.

SOUZAA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. 445p. Tese. (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SILVA, Geraldo J. da Rosa; VALENTE, Ârne de Oliveira. **Um estudo da Rede Médico Hospitalar de Campina Grande**. Ministério da Educação. Serviço de Documentação. Departamento de Imprensa Nacional. 1965.